

Mauro Wilton de Sousa<sup>1</sup>  
**Uma nova ambiência<sup>2</sup>**

O subtítulo do livro que Joana Puntel ora socializa(1) é sugestivo. O termo uma nova ambiência sinaliza em si mesmo que um ambiente, um contexto ou uma conjuntura, se coloca agora de forma diferente na realização de algo quando antes isso não se dava. No título do livro de Puntel o termo nova ambiência, ainda que como um subtítulo, deixa transparecer mais do que o reconhecimento de um diferente ambiente, mas um ambiente favorável, algo propositivo. É um subtítulo que na verdade dá a direção da argumentação que marca e distingue o texto. Se vivemos hoje o período das relações públicas generalizadas, quando todas as instituições se vêem diante da necessidade de se dizerem publicamente através dos media, a relação entre Igreja e media poderia estar vivenciando, como tantas outras instituições, exatamente esse mesmo processo contemporâneo. O trabalho de Puntel, no entanto, se coloca diante de um quadro histórico-conceitual mais complexo e é nesse desvendar que seu texto adquire uma significação especial.

Seu tema de estudos tem sido voltado à qualificação das relações que hoje permeiam de um lado a sociedade contemporânea e seus processos de mutação, de outro a comunicação e igualmente suas perspectivas desde as tecnologias denominadas de massivas e pos-massivas e, em especial, o nexo entre essas mutações e as que se dão no âmbito da Igreja Católica em sua contemporaneidade. É nesse contexto que a Autora assume indagar sobre o estado da questão voltado a cada um desses objetos, ou seja, o da comunicação, quando debate sobre sua evolução histórica até os dias atuais; e o da sociedade, quando configura o quadro de mutações que desde a sociedade moderna traz os indicadores do que se denomina de pós-modernidade, e em seu bojo o advento da cultura mediática. E, enfim, o âmbito da Igreja Católica e do seu caminhar nesses processos de mutação sócio-cultural.

O tema da ambiência, como algo promissor, decorre exatamente da análise que a Autora faz desses processos em mutação. Processos que incorporam a comunicação e suas mediações tecnológicas em um contexto de ampliação das múltiplas condições do estar junto social, contexto que se liga a outro, o das múltiplas possibilidades que daí advêm para o relacionamento mais compartilhado e ampliado entre Igreja e media na contemporaneidade. Vale a pena apontar como esse alinhavar é construído pela Autora.

**(1) Mauro Wilton de Sousa**, professor e pesquisador junto ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da USP.

**(2) Joana T. Puntel**  
Cultura midiática e Igreja, uma nova ambiência. Sepac-Ed. Paulinas. São Paulo, 2005, 149 p.

A relação entre comunicação e sociedade, matriz das práticas culturais estruturantes da moderna cultura mediática, é exaustivamente trabalhada pela autora a partir do conceito mesmo de comunicação. Servindo-se de referências histórico-conceituais, e muitas delas envolvidas em posturas filosóficas como de Heidegger e Dewey, o conceito de comunicação é indicado no nexos contextual da contemporaneidade onde se insere para além de sua instrumentalidade, isto é, como elo na cadeia construtora de significados na vida social.

As palavras de Peters citadas pela Autora, ainda que aqui apenas parcialmente transcritas, dão bem a idéia da dimensão crítica do texto: "...a idéia de comunicação merece ser liberada de sua seriedade e espiritualismo, de sua exigência de precisão e concordância" (p.35). Assume-se uma postura propositiva e inovadora sobre comunicação.

Essa mesma perspectiva crítica, e que é ao mesmo tempo de reconhecimento e proposição do novo, se dá quando o tema das mutações na sociedade contemporânea e que resulta no que se denomina de pós-modernidade é igualmente debatido em especial ao assinalar o papel diferenciado que a comunicação assume na confluência entre meios massivos e pós-massivos. Essa teia analítica consegue articular a relação entre comunicação, massiva e pós-massiva, e vinculá-la ao contexto de uma sociedade em mutação, marcada pela significação do advento e expansão das tecnologias. Entende-se então porque a comunicação, tida como espaço de significações, passa a ter a presença de tecnologias e que lhe asseguram essa particular definição de comunicação mediática, toma-se o "aréopago do mundo moderno". Tem-se, pois, nos dias atuais, os novos media, suas linguagens e sensibilidades.

Atente-se ainda que boa parte do texto é ocupado no delinear essa trama que hoje fundamenta o lugar social e cultural da comunicação mediada por tecnologias as mais diversas e em atualização constante. Uma trama que se apóia em vários momentos nos estudos culturais ingleses e em estudos e autores por onde perpassam ora a compreensão da sociedade globalizada dos dias atuais, o reconhecimento de que a modernidade vivencia mutações, que há mecanismos mais arejados politicamente nos modos de perceber não só os mídias mas a própria sociedade, condições novas de construção da subjetividade e da identidade cultural. Dir-se-ia que inaugura-se um novo sensorium desde a comunicação e as mutações na sociedade e que atinge a cultura, reflete, aglutina e expressa, como assinalado no texto, uma nova ambiência, um novo modo de praticar a vida em conjunto.

O tema da Igreja e seu papel nesse contexto da sociedade mediática é trabalhado nos dois últimos capítulos para assegurar que também aí há a percepção de mudanças que levam a possibilidades de diálogos construtivos e inovadores.

A Autora assume uma análise crítica oportuna para dimensionar a trajetória seguida pela Igreja diante dos media. Se a expansão generalizada da comunicação midiática deu-se em séculos recentes, no contexto de transição da modernidade capitalista e de seus processos de mudança, também a Igreja, desde uma tradição secular de presença e de influência na cultura e na sociedade, tem vivido processos de revisão de aspectos do seu próprio se ver e atuar, desde Concílios recentes, como vem se colocando de forma aberta para o diálogo diante dessas novas tecnologias da informação e da comunicação, bem como das transformações que hoje se configuram na sociedade. É como se sociedade, comunicação, cultura e Igreja, ainda que não apoiados exclusivamente na presença estruturante das tecnologias, passassem a um só tempo, ainda que por motivos diversos, a interligar circunstâncias e demandas que mais os aproxima e caracteriza do que os afasta e discrimina. A ambiência que do lado da Igreja mais a disponibiliza como parceira desse novo contexto estaria exatamente em sua abertura e interesse para o diálogo, na perspectiva mesma da sua identidade como instituição religiosa. A direção desse diálogo pode ser apreendida nas palavras da própria Autora:

*“Falar da comunicação como espaço sócio cultural para se realizar a evangelização no mundo contemporâneo significa abordar, sobretudo, um contexto de sociedade que se transforma em uma velocidade alucinante, marcada pelos avanços tecnológicos, sobretudo pela era digital, que provoca mudanças sociais e de costumes, em que o mundo da comunicações se apresenta como uma área de grande importância a ser refletida pela Igreja.” (p.133).*

E baseada em palavras do Papa João Paulo II a Autora sinaliza com precisão a direção desse diálogo para a Igreja: *“Trata-se do ‘lugar teológico’ onde deve acontecer o diálogo entre fé e cultura midiática.” (p. 133).*

Palavras de José Marques de Melo na apresentação do livro merecem aqui ser reforçadas: *“A análise que, no Capítulo V, Joana Puntel faz da idéia de comunicação pela Igreja Católica através do tempo adquire valor antológico” (p.8).*

É nesse contexto que importa afirmar a atualidade e a densidade das reflexões de Puntel no presente livro sem antes deixar de indicar a necessidade de que trabalhos futuros da Autora ampliem ainda mais indicações sobre essa ambiência que em especial motiva as relações entre Igreja e Media.